

Amazonas é o rio mais extenso do mundo

Arequipa, Peru — Marco Antonio Cavalcanti

■ Cientistas peruanos apontam erro na definição da nascente e o Nilo perde título secular

ORLANDO FARIAS

IQUITOS, PERU — O Rio Amazonas não é apenas o maior do mundo em volume d'água, como já desconfiavam seus primeiros exploradores, que o denominaram de *mar dulce* (mar doce). Contrariando compêndios escolares de mais de quatro séculos, cientistas da Amazônia redefiniram as nascentes do grande rio e descobriram que ele é também o maior em extensão, com 6.885 quilômetros, ultrapassando o Nilo (6.671) e o Mississipi-Missouri (5.971).

Os cientistas dizem estar corrigindo um erro grosseiro de geografia, que foi a adoção do Rio Marañon como principal formador do Amazonas e não o Ucayali, mais longo. Em muitos mapas, porém, o Amazonas continua sendo como nascente o Marañon e uma extensão de 6.500 quilômetros, ficando atrás do Nilo.

A nova geografia da *mar doce* é defendida por um estudo recente do Instituto de Investigações Científicas da Amazônia Peruana (IIAP), com sede em Iquitos. "Sempre se desconfiou que o Amazonas era o rio mais extenso do planeta", diz o vice-presidente da instituição, o pesquisador espanhol Joaquín García Sánchez, há 27 anos atuando na região amazônica. Afinal, lembra Sánchez, o Amazonas "corta praticamente o continente do Pacífico ao Atlântico".

A correção, no entanto, enfrenta resistências. O pesquisador Avencio Villarejo, do próprio IIAP, não tem certeza sobre o local exato da nascente do Ucayali. Ele acredita que o Ucayali nasce a mais de 5 mil metros de altura, nos Andes, em Arequipa, Peru.

O *Guinness Book* não deixa dúvida de que muita água ainda vai rolar até que a nova marca do Amazonas seja aceita. O livro dos records diz que estabelecer qual dos dois rios é o mais extenso é mais uma questão de definição do que de medição. Mesmo assim adota a extensão de 6.750 quilômetros para o Amazonas e 6.670 para o Nilo.

Mas, segundo a maioria dos pesquisadores, a extensão do Amazonas tem menos importância do que seu volume d'água. O biólogo William Magnusson, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), pensa assim.

'Guinness' foge da polêmica, mas reconhece superioridade do Amazonas sobre o Nilo

"Muitas das chuvas que caem no Centro-Oeste do país saem da bacia amazônica", diz o cientista, lembrando que isto é um "serviço agrícola" prestado pela Amazônia ao país.

A divulgação da extensão do rio pode servir, segundo acredita Joaquín García Sánchez, para chamar a atenção sobre "graves danos" impostos à maior bacia hidrográfica

do mundo. Ele enumera os vazamentos de petróleo no Equador, a derrubada da floresta no Peru e Colômbia para a plantação de coca e a garimpage com mercúrio no Brasil.

De acordo com dados da IIAP, estão sendo derrubados 250 mil hectares todos os anos no Peru para cultivo de coca. No Equador, quando um vazamento de petróleo atinge o Rio Napo, um dos grandes afluentes do Amazonas, os efeitos são sentidos nos países vizinhos. Sánchez defende que os países do Tratado Amazônico devem firmar um acordo hidrico normalizando o manejo das águas.

O pesquisador Jomber Inuma, de 37 anos, da Universidade Nacional da Amazônia Peruana, conta que estão sendo retiradas centenas de toneladas de alevinos do Rio Amazonas, no Peru, prejudicando a população de peixes. "É um milagre que ainda exista muito pescado em todo o curso do rio", adverte ele, lembrando que já existem boas iniciativas para proteger a gigantesca bacia. Ele cita a criação da reserva nacional Pacaya-Samiria, em 92, no Peru, e a reserva ecológica Mampirauá, no Estado do Amazonas.

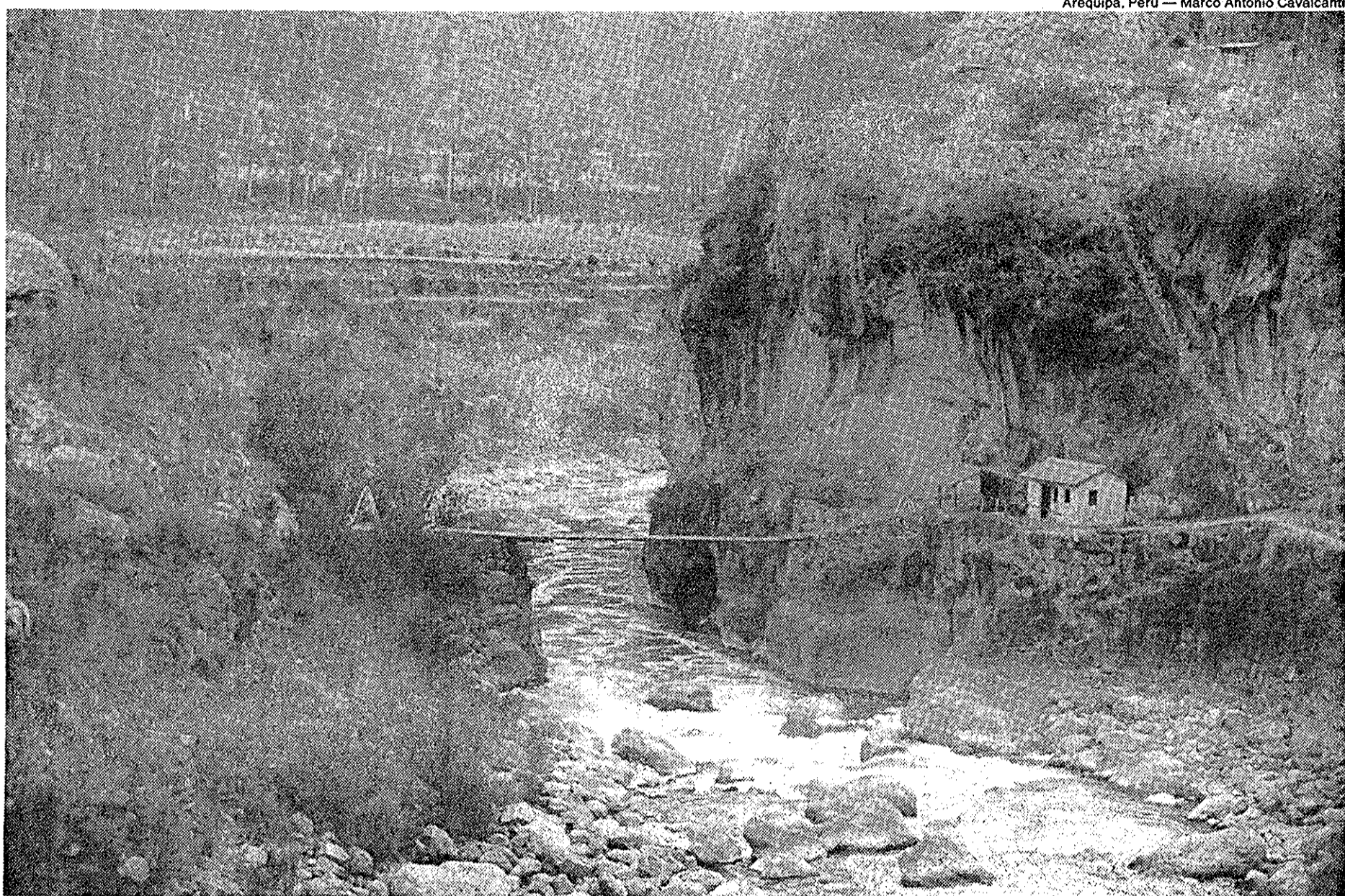
Considerado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia o rio que mais acolhe espécies de peixes em todo o sistema fluvial do planeta, o Amazonas garante emprego a grande parte da população regional, é a principal fonte de alimento dos caboclos e também sua estrada aquática. Desde junho, com o regime de seca do rio, o pescado tornou-se outra vez abundante. É possível comprar uma sacola com 50 peixes em Iquitos, Letícia ou Manaus por US\$ 2.

Nos períodos de cheia, contraditoriamente, o peixe desaparece. "Isso ocorre porque não há maneira adequada de acondicionar o pescado abundante na seca", diz Magnusson. Ele reconhece que há dificuldade para cultivar as terras de várzeas fertilizadas todos os anos pelos sedimentos do Amazonas. Como o período em que ficam livres das águas é curto, elas só permitem cultivos rápidos.

Apesar dos 80 mil quilômetros de vias navegáveis, os amazônidas pouco se relacionam. O gerente do Expresso Loreto, Roque Balcazan, 32 anos, diz, em Letícia, que seu maior sonho é navegar todos os 6.885 quilômetros do Amazonas. Ele conhece poucas localidades na Colômbia, Peru e Brasil. "Conheço muita gente que até hoje não sabe o que é colocar o pé numa cidade", conta.

O prefeito de Iquitos, Jorge Moreu Arevalo, de 57 anos, compartilha da mesma ideia. "Fazemos parte da mesma civilização ameríndia, mas nos conhecemos muito pouco", admite, lembrando que atualmente apenas uma pequena embarcação, conhecida no Peru por *Rápido*, faz uma única viagem semanal entre sua cidade e a fronteira do Brasil com a Colômbia (Tabatinga e Letícia). Há 100 anos, no período áureo da borracha, a Companhia Adolfo Moroy e Filhos, de sua família, tinha navios saindo diariamente de Iquitos para Manaus e Belém.

"Infelizmente, o apelo fraterno que reside no encontro das águas (do Negro com o Amazonas, na altura de Manaus) ainda não contagiou os habitantes da Amazônia", lamenta o prefeito.



O Rio Ucayali, que nasce a cinco mil metros de altura na Cordilheira dos Andes, seria o principal formador do Amazonas, e não o Marañon, como se acreditava

Um volume d'água essencial para o planeta

O Amazonas é considerado um rio essencial para o planeta. É ele que despeja um quinto de toda a água doce lançada nos oceanos terrestres em um dia — a mesma quantidade que o Rio Tâmis leva um ano para fornecer aos mares. Ele possui 1.100 afluentes e subafluentes numa área de 7 milhões de quilômetros quadrados. Dois dos seus afluentes, o Negro e o Madeira, são tão volumosos hidrograficamente como o Congo, na África, o segundo maior rio do mundo em volume de água.

Outros 17 afluentes têm mais de 1.600 quilômetros de extensão, todos maiores do que o Reno, um dos princi-

pais e maiores rios da Europa. O Amazonas tem 80 mil quilômetros de vias navegáveis e seu leito é tão profundo que navios de grande porte podem navegá-lo em 3.500 quilômetros da bacia. Portentoso e barrento, ele chega a ter em alguns pontos uma largura de 11 quilômetros.

Em sua foz de 320 quilômetros, o Amazonas penetra com sua torrente 150 quilômetros dentro das águas salgadas do Atlântico. Esse fenômeno da natureza deixou extasiado o navegador espanhol Vicente Yañez Pinzón, ao descobri-lo em fevereiro de 1500, antes de

Pedro Álvares Cabral aportar no país: "La boca del Rio Grande (...) sale quarenta léguas en el mar con la água dulce". Por causa disso, ele não hesitou em colocar o nome de Santa Maria del Mar Dulce no fenômeno.

O espetáculo da natureza que o Amazonas proporciona ao encontrar o Atlântico também deixou fascinado um viajante europeu em meados do século passado, citado pelo escritor paraense Leandro Tocantins, em seu livro *O rio comanda a vida*. Para Tocantins, este viajante criou a imagem mais original do *mar doce*: "Fica a gente surpreendida

e pergunta se o próprio mar não deve à sua existência a esse rio, que lhe traz incessantemente o tributo de suas águas", questionou.

O rio ganhou o nome de Amazonas a partir de 1541, quando outro espanhol, Francisco Orellana, navegou pela primeira vez todo o curso do rio e disse ter enfrentado índias guerreiras montadas em cavalos pelo caminho. A odisséia de Orellana já demonstrava a grandiosidade do rio: Ele levou dois anos e oito meses para cruzar o rio de Quito, no Equador, até sua foz, próxima a Belém do Pará.

ELES VIVEM DO 'MAR DOCE'

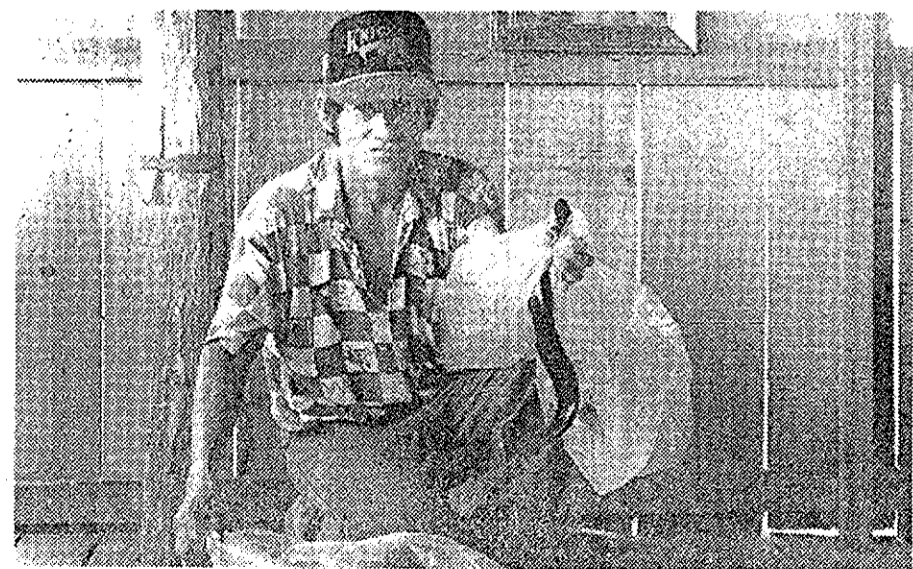


OVÍDIO DOS SANTOS

Oráculo que prevê cheias do Solimões

O brasileiro Ovidio Matos dos Santos, nascido em Manacapuru, à margem esquerda do Rio Solimões, tem duas profissões. A primeira é como homem-canga na feira de produtos regionais da Panair, à margem do Rio Negro, em Manaus. Aos 46 anos, ele tem apenas mais quatro pela frente para carregar bananas e ganhar

seus R\$ 20 por dia. Depois dos 50, diz, "não se consegue força mais para carregar bananas, nem tomando cachaca". A outra profissão é prever o ritmo de crescimento ou vazante das águas. Saber o tamanho de uma cheia interessa aos agricultores, madeireiros e donos de embarcação, e assim Santos ganha de vez em quando um dinheiro extra. "Com minha ajuda, muitos agricultores já evitaram fazer grandes plantações em ano de cheia forte", conta, assegurando que aprendeu a prever o movimento das águas do grande rio com as aves. "Algumas fazem o ninho meio metro acima do nível da próxima cheia", revela.

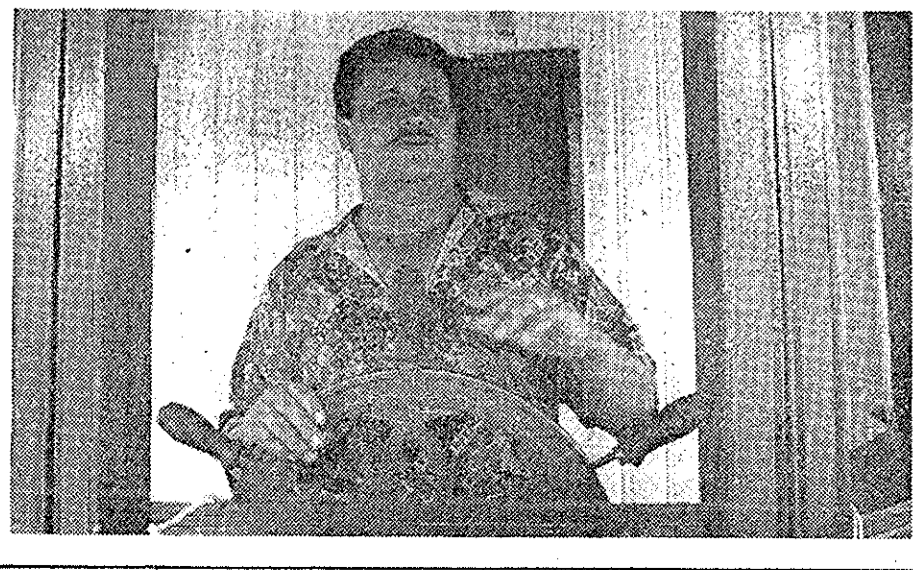


GUILHERME MURAIARI

Sobrevivendo a choques de peixe elétrico

Aos 40 anos, quatro filhos, o peruano Guilherme já se acostumou a um tipo de trabalho no Rio Amazonas, que percorre diariamente entre a vida e a morte. Ele é pago por aquaristas de Iquitos, no Peru, para capturar exclusivamente a espécie de peixe poraquê, conhecido como o *peixe elétrico* da Amazônia. Capaz de

detonar descarga elétrica mortal, o poraquê, por isso mesmo, é muito difícil de ser capturado. "Somente este ano já levei seis descargas elétricas", diz Guilherme, dizendo que só não morreu porque não estava dentro d'água, onde haveria maior condutividade de eletricidade. Deixar a profissão, no entanto, nem pensar. Os poraquês que pesca estão sendo exportados para Japão e Estados Unidos, onde fazem a festa dos aquaristas, acendendo momentaneamente a luz dos aquários com sua descarga. "Tudo o que aprendi na vida foi pescar", diz Guilherme, acrescentando que não teme a morte. "Viver ou morrer é uma lei do rio".



ROBERTO PRIETO

O amargo gosto de três naufrágios

Nascido no Departamento de Buyacan, na Colômbia, Roberto conserva, aos 45 anos, um conhecimento precioso sobre a navegação na bacia hidrográfica do Amazonas. Prático e comandante de barcos há 30 anos, Prieto sabe como ninguém vencer as corredeiras do Rio Negro, en-

frentar tempestades no Rio Putumayo e desviar dos bancos de areia invisíveis que se formam na época da vazante (seca) no Rio Solimões. Apesar de toda "tarimba", como diz, já naufragou três vezes. Em todas elas, foi traído por toras de madeira fincadas no leito dos rios. Na última, seu barco, *Ciudad del Jurúá*, que não estava no seguro, foi parar no fundo do Amazonas. "Perdi o barco, mas tive o prazer de ver todos os seus tripulantes salvos", diz ele, que hoje singra os rios com o *Puerto Narinho*, sua mais nova embarcação.